

O DIABO		MAIS	
TEMPO		TV-GUIA	
O PAÍS		SETE	
O JORNAL		ÉXITO	
TAL & QUAL		A BOLA	
EXPRESSO		GAZETA DOS DESPORTOS	
SEMANÁRIO		RECORD	
		OFF-SIDE	
Diário de Notícias		15. NOV. 1985	

Diário de Notícias

FUNDADO EM 1864

Duas tácticas a mesma estratégia

NÃO é a primeira vez que o MDP/CDE toma posições aparentemente antagónicas às do PCP, denotando, quando tal acontece, um notável esforço de afirmação de autonomia e estratégia próprias perante o poderoso aliado de sempre na APU. Particularmente em períodos pré-eleitorais, tornaram-se frequentes alguns sinais de incomodidade e de mal estar no partido de José Manuel Tengarrinha, que chegam a ameaçar pequenos tumultos internos, em razão da forte hegemonia do PCP na Aliança Povo Unido. Umhas vezes, do que se trata é de tentar reforçar, ou, pelo menos, de preservar, o poder negocial do MDP/CDE junto do seu parceiro; outras, são meros conflitos localizados e mesmo personalizados que vêm à tona, produzindo «ruídos» erradamente interpretados — ou calculadamente insinuados — como divergências no interior da aliança; outras ainda, são simples sofismas tácticos, nem sequer muito subtils.

É certo que — faça-se justiça — em algumas questões pontuais e menores, designadamente na Assembleia da República, o MDP toma iniciativas e atitudes distintas e aparentemente distantes das do PCP. Mas nunca tais posições e atitudes esporádicas se revelaram contrárias, ou apenas susceptíveis de ferirem minimamente a sintonia dos dois partidos quanto à estratégia comum, seja esta apresentada em primeiro lugar por um ou por outro — o que por vezes não é indiferente, de um ponto de vista táctico. Ao invés, as posições de ambos ou coincidem inteiramente na forma e no fundo, ou, divergindo na forma, mais não visam do que acrescentar eficácia à sua complementaridade *de facto*. É o caso da falsa discordância ora tornada pública relativamente às eleições presidenciais.

Ao proclamar que o seu partido não apoiará o candidato do PCP, Ângelo Veloso, *mesmo que ele vá até ao fim*, pode parecer que José Manuel Tengarrinha está a dizer algo que o seu aliado lamenta e, quiçá, seja motivo de desentendimento entre ambos. Em verdade, porém, Tengarrinha limita-se a dizer o que já se sabia — isto é, que o candidato do PCP não é o candidato do PCP — e a confirmar o que era mais do que previsível: que por dois rios se procura levar água ao mesmo moinho, qual moinho tem a designação de «candidato único do campo democrático». Nem a linguagem difere, visto que esta expressão corresponde *ipsis verbis* à que tem sido repetidamente utilizada pelo PCP, donde não haverá que equacionar o risco de uma crise no interior da APU... Uma vez mais, a sintonia é perfeita.

Não haverá risco de conflito porque é sabido que Ângelo Veloso, o candidato oficial do PCP, não é um candidato como os outros. Aparece na corrida para cumprir duas tarefas precisas: uma delas consiste em evitar quanto possível desvios *precipitados* de militantes comunistas tentados a empenhar-se na candidatura de Lurdes Pintasilgo antes de o *puzzle* de presidenciais ficar completo e de surgir a figura que possa merecer o rótulo de «candidato único do campo democrático» — o qual, além da origem política, terá de oferecer um perfil de vencedor potencial; a outra tarefa de Ângelo Veloso é a de esclarecer e justificar durante a campanha o sentido do voto que o PCP pedirá ao seu eleitorado para o mesmo «candidato único do campo democrático», e que, de certeza, não se chamará Ângelo Veloso.

São remotíssimas as hipóteses de o candidato oficial do PCP *ir até ao fim*, e mesmo que, por qualquer acidente ou imponderável, tal acontecesse, não seria por aí que a crise estalaria entre o PCP e o MDP/CDE. Em tais condições de todo improváveis, a função de Veloso consistiria simplesmente em marcar presença para retirar votos a outrem, o que se afigura de todo absurdo nas circunstâncias actuais. E mesmo para esse efeito mais alguns votos do partido de Tengarrinha — quantos, eis o que desde há muito não é possível saber — pouco adiantariam.

Mas qual será então o «candidato do campo democrático» que o líder do MDP terá em mente? Também a sintonia é perfeita quando afirma, como o PCP também observou, que Salgado Zenha é um *democrata* — e um democrata que «não merece qualquer reparo». Aqui, sim, pode notar-se uma subtil diferença de apreciação do ex-número dois do PS; mas o mais certo é que Tengarrinha procure justificar desde já e com grande à-vontade, o que Álvaro Cunhal ou Ângelo Veloso terão de explicar aos seus eleitores um pouco mais tarde e, porventura, com incomodidade bastante maior do que o líder do MDP. Na essência, portanto, os dois partidos limitam-se a utilizar versões diferentes de um mesmo discurso: duas tácticas para uma só estratégia.

